

O VALOR POLÍTICO DE UMA EXPERIÊNCIA
Notas da Diaconia dos Universitários de Comunhão e Libertação
Milão, 29 de abril de 2019

Notas de um diálogo entre padre Julián Carrón e um grupo de universitários comprometidos nas eleições universitárias.

Julián Carrón. Vamos continuar o nosso caminho, a partir das duas lindas canções que cantamos – *Will you still love me tomorrow?* e *Sou feliz, Senhor* –,¹ que têm por tema o que dissemos nos Exercícios de dezembro («O que resiste ao impacto da passagem do tempo?»). «Será que ainda me amarás amanhã?» A quem podemos dizer isso? E depois: «Sou feliz, Senhor, porque tu vais comigo». Só há letícia na vida se não nos apoiarmos em nós mesmos, mas em Alguém presente, vivo, pois ressuscitado, e não dependermos das nossas capacidades. É uma bela libertação! Vamos começar.

Colocação. *Quero contar algumas coisas que aconteceram hoje. Começamos a campanha eleitoral para a representação estudantil na universidade, e foi entusiasmante. Há ousadia neste início. Na manhã de hoje, me marcou a conversa com uma amiga. Ela me contou que no ano passado não se envolveu com as eleições, mas se limitou a passar, olhar, «mas ficando – ela dizia – do lado de fora», como se houvesse um vidro no meio e ela sentisse que não podia e não queria envolver-se até o fundo. Passou um ano, e hoje ela disse: «Acordei de manhã e para mim era um problema que hoje começasse a campanha eleitoral e pudessem panfletar, mas no sentido de que me interessava, eu não queria ficar de fora». Ela não disse, de uma vez: «Vou me lançar entusiasmada», mas: «Acordei e me interessava, não podia simplesmente dizer: “Aqueles lá vão fazer, eu não vou”». Parece uma coisa minúscula, mas na verdade é grande, porque diz que em um ano ela ganhou motivos para confiar, de modo que, se “aqueles lá” – que no fundo somos nós, seus amigos da comunidade – panfletam, para ela não pode ser indiferente. Para mim, também tem a ver com os cantos. Talvez uma pessoa não se envolva por medo, pela personalidade, porque devido à sua fragilidade faz a pergunta meio ceticamente: «Será que ainda me amarás amanhã?»; mas se, ao mesmo tempo, ela se levanta e acha interessante seus amigos dedicarem-se à campanha eleitoral, quer dizer que neste ano ocorreram fatos que mudaram as coisas. Essa observação se conecta com a pergunta com que estou me introduzindo na campanha eleitoral, uma pergunta que me faço em termos absolutamente positivos, não ceticamente: o que tem a ver o compromisso eleitoral com todas as questões abertas que temos na vida? De fato, o sujeito que nestes dias for panfletar não muda o chip, tornando-se um “político”, deixando de viver, mas é a mesma pessoa. Eu tenho um monte de questões abertas e me pergunto: como a beleza que vi nesta manhã tem a ver com esse ponto da minha vida que neste momento está meio suspenso e onde as contas não batem? É a pergunta com que entro nestes dias.*

Carrón. O que lhe sugere isso que você acabou de contar? Tínhamos dito: «Não fique na soleira das coisas»; o que é que significa ver uma pessoa em quem renasce o interesse e que não pode ficar de fora vendo vocês em ação? O que possibilitou isso? Aqui se joga tudo. Que em um ano a amiga de que você falou tenha passado de ser – digamos assim – passiva, desconfiada, apática, a descobrir-se interessada de maneira nova pela vida e pelas coisas ao redor dela, é tudo, menos óbvio. Não consideremos óbvia a mudança que se dá em nós. Tentemos, ao contrário, identificar a razão adequada dessa mudança. Se não identificarmos a origem do que aconteceu a essa menina, no fundo não restará nada disso. Ela teve a sorte de fazer essa experiência, mas o que tem a ver comigo, o que tem a ver com as eleições, o que tem a ver com a maneira com que eu começo a me empenhar? Deixemos a pergunta aberta. Outros?

¹ «Will you still love me tomorrow?», de Gerry Goffin e Carole King – The Shirelles, 1960; «Sou feliz Senhor», in *Canti*, Soc. Coop. Ed. Nuovo Mondo, Milano 2014, p. 308.

Colocação. *Enquanto estava escutando, veio-me à mente um fato análogo ao que acabou de ser contado. Aconteceu hoje mesmo, mas não tinha me impressionado.*

Carrón. Veem? Entendem qual é o ponto? Se ele não tivesse vindo aqui esta noite e não tivesse escutado quem o antecedeu contando aquele episódio, não teria “descoberto” o que hoje tinha acontecido com ele sem o impressionar, como se não o tivesse registrado realmente. Às vezes a pessoa se pergunta: «Por que é que eu tenho que vir aqui?». Ou por que aquela garota precisa participar de um lugar como este por anos? Por quê? Para ser despertada, como você, enquanto o nosso amigo estava contando, foi despertado e se deu conta do que lhe tinha acontecido «hoje mesmo» e que tinha passado quase despercebido. Por isso eu lhes disse: não dêmos por óbvio o que estamos notando. Que a garota se dê conta de que não pode ficar de fora; que um amigo dela, ouvindo-a falar, fique espantado e o refira aqui; que você, ouvindo-o contar o fato, se sinta chamado em causa, tudo isto não é fruto de um já sabido, que alguém aplica, mas é a dinâmica de uma vida. Se nesta noite você não tivesse vindo aqui, se ele não tivesse ficado atento ao que aconteceu esta manhã com a amiga dele, se não se tivesse dado conta disso, a corrente que chegou até você e até todos nós através de você teria sido quebrada. Não é que não ocorram fatos – ocorrem, e como! –, o problema é que tipo de educação é necessária para que esses fatos construam a vida, como ao longo de um ano construíram a vida daquela garota, de modo que, de apática e desconfiada que era, num determinado momento começou a ter confiança. O ano passado não foi inútil para ela – só teria sido inútil se tivesse ficado na comunidade como uma pedra –. Mesmo através de muitas distrações, muitos erros, muitos momentos em que não nos envolvemos na proposta, tudo o que nos acontece deixa um rastro em nós. A questão posta pelos Exercícios (os de vocês e os que fizemos com os adultos) e sobre a qual estamos trabalhando agora é esta: amanhã – amanhã! – ainda restará algo do que estamos fazendo ou será que tudo está destinado a durar *only one night, only one day*, por acaso, *by chance*? Por favor.

Colocação. *Vou contar o fato, talvez possa ser útil. Um amigo me disse que normalmente volta para casa no fim de semana e uma vez por mês encontra seus velhos amigos espalhados pela Itália, alguns do Movimento, outros não. Neste fim de semana ele os viu e, diante de uma noite como as outras, em que não fizeram nada, jogaram poker e passaram o tempo, me disse: «Pela primeira vez eu quis pegá-los e dizer: “Pessoal, não aguento mais levar as coisas assim”. Pelo que vivi nestes anos, quis olhá-los na cara: “Se estamos juntos, é para viver uma plenitude, não para preencher um vazio, porque não aguento mais isso”». E o dizia orgulhoso: «Eu nunca disse algo assim». Parece-me muito parecido com o fato contado no início.*

Carrón. Isso é interessante. Por que, a certa altura, alguém pode dizer que não aguenta mais? Muitas vezes nem nos damos conta dessas coisas. Na sua opinião, se uma noite passada fazendo nada é o que todos fazem, por que alguém pode dizer: «Não aguento mais»? O que é que deve ter acontecido a ele para falar assim, a ponto de se sentir orgulhoso de tê-lo dito, consciente da novidade do que estava dizendo?

Colocação. *Pensando em mim, entendo o que quer dizer. De fato, também aconteceu comigo uma coisa que eu jamais teria imaginado antes, que foi estar com algumas pessoas, com as quais a amizade, a longo prazo, como que fez subir o nível de expectativa perante tudo.*

Carrón. E o que isso quer dizer a respeito da pergunta sobre o que resiste ao impacto da passagem do tempo? Afinal, ele poderia ter dito: «Muitas noites vou à diaconia e participo dos gestos do Movimento, mas depois com os velhos amigos passo as noites sem fazer nada»; mas não, a certa altura não aguentou mais. Por quê?

Colocação. *Por que você já não consegue separar-se disso.*

Carrón. Perfeito. Já não consegue separar-se disso. De que é que você já não consegue separar-se? Nós temos que nos dar conta disso, porque alguém poderia dizer: «Viu só? Nada permanece. Por que eu preciso continuar participando?», «Por que preciso fazer o sacrifício de vir aqui e de participar da Escola de Comunidade?», «Por que ir ao Tríduo Pascal?». Mas o que ele viveu permaneceu, não desapareceu, *pufff*, e a certa altura, quando reencontrou os velhos amigos, diante da maneira costumeira de estarem juntos, começou a ouvir um zumbido, não aguentou mais. Por

quê? Porque o que ele viu nestes meses pôs em marcha o seu eu, “elevou o nível” da sua consciência. O fato de você ter contado isso é o sinal de que não passou despercebida aos seus olhos a diversidade desses fatos. Quem se lembrou, escutando esses relatos, de episódios ou coisas que os marcaram nestes dias?

Colocação. *Esse tema da mudança me fez olhar para o que me aconteceu esta semana. No Tríduo Pascal pude voltar a ouvir, como dirigido a mim, o anúncio potente de que Cristo pode ser tudo para a minha vida. Isso me abalou e me questionou muito, e nos dias seguintes comecei a pensar: «Nós dizemos que a mudança não depende de nós, mas de Outro, mas se Cristo é tudo para a minha vida, quando eu voltar para a faculdade e me empenhar com as coisas que nos esperam, vou ter que construir muito, para mostrá-lo a todos, de algum jeito». E isso dificultava que eu entendesse o convite que você nos dirigiu para superarmos uma imagem psicológica da nossa mudança. Depois fui embora para estudar com alguns amigos e notei em mim que, aos poucos, o golpe percebido nos dias do Tríduo estava começando a arrefecer: quanto mais eu me esforçava para estar presente nas coisas, ser convincente aos olhos dos outros, mais eu me dava conta de que não conseguia ser eu mesmo, no fundo eu me sentia falso; embora nenhum dos amigos que estavam comigo tenha percebido isso, eu o via em muitos gestos pequenos e me dizia: «Mas eu não sou isso!». Cada vez mais eu me olhava e dizia: «Parece que silenciosamente eu esteja traindo tudo o que me aconteceu». E isso me afundava. Eu pensava: «Não consigo me amar, tenho nojo de mim mesmo». Depois aconteceu que uma noite, no auge desse meu sentimento, houve um momento de profunda partilha entre nós, amigos, uma forma muito bonita de olhar para o que estava acontecendo entre nós naqueles dias; mas como reação abaixei a cabeça e pensei: «Agora vou cuidar da minha vida», como que dizendo: «É uma coisa que não me diz respeito, até porque eu traio, porque, porque...». Mas naquele instante, vendo o que estava acontecendo ao meu redor, eu também me disse: «Neste momento estou psicologicamente destruído, não consigo nem sequer me amar – poderia parecer a coisa mais natural –, mas o que está acontecendo aqui na minha frente é uma coisa excepcional, é uma coisa enorme». Então levantei a cabeça e olhei para os meus amigos, que estavam contando as coisas. Não disse nada, não é que a minha condição emocional tenha mudado radicalmente; não, eu estava dolorido como antes, mas estava lá; com todas as objeções, eu estava lá. Impressionou-me que à noite, quando fui dormir, eu não estava desesperado, como se nada conseguisse recuperar toda a minha pequenez; eu ainda estava dolorido – e ainda tinha a pergunta: «Como é que o que me aconteceu pode tomar tudo de mim cada vez mais?» –, mas no fundo estava tranquilo. No dia seguinte, apesar do que tinha ocorrido de grande, a minha “desmoralização” me fez igualmente pensar: «Estão aí as eleições, estou trabalhando nelas há dois meses; chega, não aguento mais, não vejo a hora de acabarem, assim posso recomeçar a estudar; espero que deem certo, porque se derem errado vai ser um problema». Nesse meio tempo, uma garota me ligou e me perguntou se poderíamos encontrar-nos com alguns amigos dela: «Assim você pode ajudar-nos a recuperar a razão por que fazemos as eleições», disse. Imediatamente pensei: «Como assim? Há dois meses que eu proponho isso a todos, agora não tenho mais vontade, com que autoridade, com que cara de pau vou encontrar essas pessoas para dizer que vale a pena?». E, como na noite anterior, aconteceu que, ouvindo-a dizer-me: «Eu tenho o desejo de que os dias que nos esperam sejam a ocasião para experimentar a dimensão de uma vida nova, que nos faz ficar mais apaixonados por tudo, como o panfleto sobre as Eleições Europeias nos propõe», pensei: «Estou sem vontade, emotivamente estou para baixo, mas como desejo isso, como desejo essa vida que agora você está colocando na frente dos meus olhos; não tenho vontade, mas como desejo isso para mim!». Voltando do meu retiro de estudos, encontramos para jantar com aquele grupinho de amigos e foi muito bonito, porque ninguém tinha interesse pela política, mas todos, uns de um jeito, outros de outro, tinham visto gente que tinha começado a se comprometer e que o fazia porque vivia uma vida transbordante, a transbordante riqueza do ser, pela qual a realidade de todos – a universidade, neste caso – era interessante para eles. Pelo que tinham visto, essas pessoas, que não tinham pendor para a política, começaram a arranjar o que*

fazer: uns pegaram os panfletos, outros começaram a pensar na melhor forma de agir, para encontrar os outros, etc. Isso me encheu tanto de gratidão, que esta manhã, dia em que finalmente começou a campanha eleitoral, acordei duas horas antes do normal; a vontade era o que era, mas eu estava todo cheio de desejo, de pedido, de modo que ir buscar os pacotes com os panfletos e fazer o que eu tinha que fazer foi como uma grande oração para que o que eu tinha visto nos dias anteriores – com os amigos com quem estudei, com a garota que me abordou e me envolveu naquele jantar, no Tríduo Pascal – pudesse cada vez mais tomar a minha vida. Não sei direito o que vai significar, mas eu o desejo. Este dia foi emotivamente uma oscilação entre a angústia de dizer: «Quem sabe o que vai acontecer aqui, o que vai acontecer lá» e a surpresa de poder dizer: «No fundo, essa excepcionalidade, essa mudança continua recontecendo diante dos meus olhos». É o que disse a primeira colocação e eu o vi esta manhã, entre nós.

Carrón. Qual é, então, a mudança? Você precisa agarrar bem o significado do que diz, porque se não crescermos na consciência da origem do que nos acontece, no fundo a mudança parecerá sempre depender de uma capacidade nossa. É preciso chegar a captar a razão, o significado do que vivemos. Que mudança você viu e de onde nasce?

Colocação. *Acho difícil dizê-lo analiticamente, mas o que vi era a maneira diferente com que os meus amigos se tratavam, chamavam a atenção uns dos outros. Foi a maneira com que esta manhã, na campanha eleitoral que acabou de começar, muitos do primeiro ano foram ao encontro de desconhecidos quase como se fosse uma festa. É esta a mudança que me acompanha e...*

Carrón. Isso é o que você viu fora de você, nos seus amigos. Interessa-me, além disso, o que você viu em si mesmo.

Colocação. *A mudança que notei em mim, e que ficou nítida na noite com meus amigos nos dias de estudo (tanto que eu me disse: «Isto em mim é novo»), é que o que venceu não foi o meu desencorajamento, a minha traição, o meu ver-me tão pequeno, mas o que estava acontecendo.*

Carrón. Isso é muito importante. Como você foi dormir? Repita o que você disse.

Colocação. *Fui dormir dolorido, mas esperançoso.*

Carrón. Exato. Você também disse: «Não desesperado, mas tranquilo». Vocês estão aqui justamente porque a contribuição que podem receber e dar a todos, comprometendo-se nas eleições, não tem a ver só com a situação da universidade (exercer a atividade de representante, precisando obter para isso cadeiras e o voto dos outros); é mais radical, diz respeito à nossa humanidade, àquilo de que todos nós precisamos para não ir dormir desesperados. Isto é infinitamente mais essencial e poderoso: a resposta ao drama nosso e de todos os que os encontrarem, aquele drama que você mesmo percebeu em você. Aquilo que por graça levamos ao nos implicarmos, ao nos envolvermos nas eleições, não é só uma contribuição para enfrentar os problemas da universidade, mas é a resposta à verdadeira necessidade das pessoas, começando por nós. Então, a única coisa que ainda temos que entender – refaço a questão – é que valor político tem o que nos aconteceu, o que aconteceu a você e a todos nós que estamos aqui. Se vocês reduzirem o valor do esforço que fazem simplesmente à conquista dos votos, em vez de reconhecerem que o valor está no que você contou, vão perder o melhor. Com efeito, se vocês vencem com folga as eleições universitárias e depois vence em você o desespero, que tipo de Europa vamos construir?

É por isso que temos que entender o alcance cultural (como dissemos nos Exercícios) do que fazemos, senão reduzimos a política à conquista de lugares. E se, além disso, a implicação é só um negócio de quem tem o pendor para a política, alguém pode dizer: eu não tenho esse pendor. Mas nós não temos o pendor para a política, nós temos o pendor para a vida, temos o pendor para não ir dormir desesperados, temos o pendor para ficar tranquilos, para ser conscientes dessa riqueza transbordante do ser que nos alcançou. É para isso que temos o pendor. Interessa-lhes? Nós não somos fanáticos por uma política reduzida, somos fanáticos pela política no sentido mais nobre do termo, pela política que tem a ver com a *polis*, com todas as pessoas que encontramos na vida diária, para que todas possam experimentar o bem que procuram. O fato de que seus amigos estavam vivendo algo grande é um bem para você. Mas o que lhe testemunharam, assim como é um bem para você, pode ser igualmente um bem para todos, aquele bem que todos estão conscientes ou

inconscientemente esperando. Nesse sentido, falamos de bem comum; mas não de acordo com o conceito de bem comum que normalmente temos na cabeça. Será que há algo que é mais “bem comum” do que o que aconteceu a você e que pode ser oferecido aos demais?

Isso tem a ver com a política ou é simplesmente uma abstração sem incidência na história? O que você descreveu é uma vida nova. E talvez, se você não tivesse tido a ocasião das eleições universitárias, você não teria se dado conta tão nitidamente do que está acontecendo com você. Cada circunstância individual, então, não está isolada do resto da vida: a vida é uma – estudamos na Escola de Comunidade – e tudo pode ser parte da construção do seu eu. Assim, ano após anos, a experiência que você faz na faculdade pode levá-lo àquela confiança de que falou quem interveio primeiro, uma confiança que se enraíza cada vez mais em você. Isso lhes interessa ou não?

Colocação. *Interessa-me enormemente, porque na verdade ainda não entendo bem esse movimento em direção a todos, essa ação cultural, que eu desejo e percebo que tenho, mas percebo que não pode estar separada de um crescimento na consciência de mim. Queria contar uma coisa que me aconteceu ao organizar o gesto da Semana Santa. Para mim, foi continuamente uma luta entre afirmar-me a mim mesmo e afirmar algo diferente, que se impunha na minha frente. O padre que guiou o gesto fez com que eu percebesse melhor, ajudando-me a mudar de posição, quando disse: «Não se preocupem em capturar o que está para acontecer, deixem-se ferir, isso sim». Então, toda a ansiedade que eu tinha acumulado durante a organização do gesto caiu no momento em que alguém me colocou diante disso.*

Carrón. Vê? Se você não tivesse se lançado, meio atrapalhado, se quiser, até mesmo tentando afirmar-se a si mesmo, você não teria dado a oportunidade a alguém para ajudá-lo a tornar-se consciente do que acabou de dizer. É a comparação constante o que temos que buscar com a vida do Movimento. Você faz a sua tentativa, como Pedro fez a dele, quando disse a Jesus: «Não, para Jerusalém não, por favor!». E houve um Outro que o corrigiu, que o pôs de novo nos trilhos. Mas se Pedro só tivesse pensado, sem dizer uma palavra, Jesus não poderia ter dado uma contribuição à sua tentativa. Você fez a sua tentativa; é verdade, uma tentativa irônica, sempre deficiente, como qualquer tentativa, mas é essencial que você tenha tentado, pois lhe permitiu dar um passo: permitiu que outra pessoa o corrigisse e que você, aceitando a correção, levasse a termo com verdade o que tinha começado. Outra pessoa em seu lugar poderia ter dito: «Já que há o risco de fazer algo de um jeito errado, não vou fazer nada, assim tenho a certeza de que não vou errar». É justamente o que Jesus repreendeu aos fariseus na parábola dos talentos: «Para não usá-lo mal, enfio o talento embaixo da terra, e assim você não pode repreender-me em nada». «Como assim, não posso repreendê-lo em nada? Repreendo, e como!, pois você poderia ter pelo menos depositado no banco!».

Só quem arrisca, tentando e de maneira irônica, é que pode ganhar algo. Não nos assusta o fato de você fazer uma tentativa irônica: Ele vai pensar em levá-la a termo, levando-o aonde você não chegaria sozinho. E isso são outros quinhentos.

Colocação. *Eu reconheço isso na minha experiência, mas é como se surgisse em mim uma pergunta, talvez mais dúvida: muitas vezes não é clara a conveniência de seguir uma tentativa irônica, arriscando, lançando-me para os outros, para algo que está fora de nós. Não sei se está claro.*

Carrón. Certo!

Colocação. *É uma experiência que faço na minha comunidade, onde é muito mais fácil ficarmos abatidos, debruçando-nos sobre nós mesmos em vez de ir para fora, em direção aos outros.*

Carrón. Por isso é que estou te valorizando, porque você colocou todo o acento no seu erro, que a outra pessoa precisou corrigir; enquanto eu estava dizendo que a sua ação foi decisiva para você e para o outro que te corrigiu. A sua ação não era óbvia, e você poderia ter pensado: «Se eu tiver que correr o risco de fazer algo errado, melhor não fazer nada». Mas você fez uma tentativa, e isso não foi igual a zero. Como você viu, é um valor, embora muitas vezes a tentação seja a de recuar. Por isso, primeiro, não dê por óbvio que algo aconteceu em você devido ao fato de ter-se envolvido na

preparação do Tríduo Pascal. Não o dê por óbvio, porque você poderia não ter-se movido. Isso já indica que o Mistério se envolveu com você e o despertou, como disseram na primeira colocação: uma garota, graças ao caminho feito em um ano, passou a interessar-se pela primeira vez pelas eleições universitárias. Depois, ao longo do caminho, a pessoa pode até descobrir que, ao seguir esse interesse, olha só para o próprio umbigo, como você disse que te aconteceu; concordo, mas isso não pode eliminar o bem da tentativa, da ação. Veremos se, por causa do interesse que se despertou nela, essa garota vai ou não fazer sua tentativa, que talvez precise de uma correção ou de um desenvolvimento posterior para chegar a uma realização. «O melhor é inimigo do bem», diz-se, porque esperando ser perfeitos nunca nos lançamos. Mas não tenham medo de serem imperfeitos. O que vocês estão contando é muito interessante, pois é libertador. Não se preocupe para que tudo seja perfeito antes de intervir dizendo A ou B. Diga o que quiser dizer, faça sua tentativa irônica. Eu sempre uso a expressão “tentativa irônica”² porque me liberta: não tenho que esperar ser perfeito para dizer ou para fazer, todos somos uns coitados e a nossa tentativa sempre será irônica. Não preciso toda vez, antes de falar, poder dizer com segurança: «Isto é dogma, isto é evidente, isto é mais claro que o sol»; na maioria das vezes não conseguimos falar assim, eu ao menos não consigo. Por isso digo que a nossa tentativa é sempre irônica e nos deixa livres para nos lançarmos. E o Mistério, que cuida de você, colocará ao seu lado alguém que lhe dirá: «Olhe, vou levá-lo até ali, vou levar sua tentativa até ali».

Colocação. *Então como é que nós podemos nos ajudar? A tentativa é suficiente? Se eu pensar na minha responsabilidade em guiar a expressão da nossa presença na faculdade, eu me pergunto: neste trabalho é suficiente a minha tentativa? É suficiente a minha tentativa para nos ajudar a não cairmos na mera organização de eventos?*

Carrón. É suficiente! Digo que por enquanto é, o resto você vai aprender ao longo do caminho. Porque, se você colocar uma precondição – o que eu faço tem que ser perfeito, tem que ser completo, tem que ser impecável –, então obrigatoriamente você vai concluir: «Eu não sou capaz». Não é? Mas quem é capaz? Levante a mão quem é capaz de fazer algo perfeitamente. Quem? Ninguém. Mas você tem a possibilidade de fazer uma tentativa. Não estou perguntando se você é adequada, se já extraiu todas as consequências dela; digo somente: «Está disponível?». E você poderá me dizer: «Você está perguntando justo a mim?». Como poderia ter dito quem falou antes de você: «Tinham que vir justo a mim?». A pessoa pode sentir-se inadequada, e todos o somos num sentido profundo, mas isso não tem a ver com estar disponível. Você está disponível? Sim, estou dizendo isto a você mesmo (lembremo-nos do chamado de Mateus, de Caravaggio): você está disponível? Ponto.

Isto basta: estar disponível. O resto virá ao longo do caminho. Isso te liberta. Senão você se paralisa antes mesmo de começar. Você não gostaria que a sua tentativa irônica pudesse melhorar e alguém lhe desse uma contribuição? Gostaria? Saiba, então, que alguém lhe dará, um Outro lhe providenciará. Alguém que morreu e ressuscitou por você; é Ele quem pensará em lhe dar uma contribuição. «Ele, que não poupou seu próprio Filho, mas o entregou por todos nós, como é que, com ele, não nos daria todas as coisas?»,³ diz São Paulo. Não é pouca coisa! Se Deus não poupou nem sequer seu próprio Filho, como é que não nos daria todas as coisas com Ele? Como? Vamos descobrir ao longo do caminho.

² Dom Giussani disse aos universitários em 1976: «A presença “age” por tentativas irônicas, não cínicas; a ironia é o contrário do cinismo, porque nos faz participar nas coisas, mas com alguma separação – reconhecendo a fragilidade – e com paz, pois é toda cheia de paixão pelo Ideal já imanente. Assim podemos ser ágeis em mudar amanhã o que realizamos hoje, livres do que fazemos e das formas que necessariamente damos às nossas tentativas» (L. Giussani, *Dall'utopia alla presenza. 1975-1978*. Milano: Bur, 2006, p. 72).

³ Rm 8,32.

Colocação. *Essa coisa que você disse me marcou muitíssimo. De manhã eu assumi o turno para montar a banquinha para as eleições do CNSU (Conselho Nacional de Estudantes Universitários, ndt.); como também temos as eleições internas da nossa faculdade, estamos nessa já faz uma semana. Esta manhã eu estava na banquinha meio pensativo e me dizia: «Estamos aqui há uma semana, as pessoas já devem ter se cansado de nós, não temos nem um café ou um biscoito para oferecer para atrair as pessoas, estamos só nós com os nossos panfletos. Além disso, por que nos preocupamos tanto, se no fim talvez eles nem votem?». Eu estava pensando em tudo isso, e nesse meio tempo montava a banquinha, abria o guarda-sol, tomado por uma ideia de perfeição: era preciso ter toda a estrutura pronta para alguma coisa poder acontecer. Enquanto estava indo pedir permissão para ocupar o espaço fora da faculdade, vi sair os que estavam no mesmo turno que eu: não tinham café, não tinham biscoitos para oferecer, não tinham nenhuma estrutura, só tinham os panfletos na mão. Eu pensava: «Todo mundo já os viu!». Para minha surpresa, eles se puseram a parar cada pessoa que entrava na universidade. Impressionaram-me. E não acaba por aqui! Ao final nos escreveram: «Amanhã de manhã vamos sair de novo às oito e meia, porque fazer a banquinha às oito e meia é como acordar ao amanhecer para ir às montanhas, é uma coisa que te muda». Eles contaram de encontros, de alunos que ficaram impressionados, de pessoas que eles já tinham visto e que voltaram. De gente que age assim e diz: «Eu não preciso de uma estrutura, tenho tanta gratidão e certeza do que me é dado que tomo a iniciativa e encontro quem está aí», nasce até uma organização nova, a ponto de um deles ter dito: «Amanhã de manhã poderíamos trazer uma garrafa térmica com café para as pessoas que encontrarmos». Para mim, porém, a pré-condição para poder acontecer alguma coisa era que houvesse a estrutura, e só depois o eu.*

Carrón. Perfeito. E o que você entendeu?

Colocação. *Entendi que o que muda a minha vida não é principalmente a estrutura.*

Carrón. De fato é o eu, é o movimento do eu o que muda – e que amanhã criará também a estrutura –. O que te impressiona é que, enquanto você está preso na sua tentativa – que deveria ser sempre irônica, como dissemos –, há mais alguém através do qual o Senhor o alcança para libertá-lo e fazê-lo ir em frente, corrigindo-o. Vejam que delicadeza: Cristo corrige você quase sem corrigi-lo, sem humilhá-lo, simplesmente fazendo-se presente a você através de um grupo de amigos entusiasmados em entregar panfletos: «Amanhã, às oito e meia. A banquinha é como acordar ao amanhecer para ir às montanhas: te muda!». Não o repreende sequer por ter ficado preso no problema da estrutura: não, não, não, simplesmente o coloca diante de algo infinitamente mais atraente, libertando-o até da humilhação de corrigi-lo. Se você não tivesse contado isso esta noite, nenhum de nós teria ficado sabendo. Você foi levado mais além sem ter-se sentido humilhado. Vocês se dão conta? Onde é que isso acontece fora da experiência cristã? Onde é que se encontram pessoas assim? A maioria das pessoas nos humilha, não? Aqui isso não é preciso.

Parece-me que qualquer um pode ver o ganho de nos termos encontrado esta noite – pelo menos eu o vi –. Independentemente de como cada um de nós pode ter chegado aqui, do sacrifício que fez, de como foi arrastado até aqui, talvez até sem vontade, quem esteve minimamente atento não pode deixar de ir embora feliz pelo que viu, por algo que aconteceu, simplesmente escutando o relato do que aconteceu com outras pessoas e deixando-se marcar pelo que o Mistério moveu nelas. Uma garota mudou – como disse a primeira colocação – e de apática que era surpreendeu-se interessada nas eleições, tendo ganhado em um ano uma confiança que antes não tinha.

Entendem a dimensão de uma participação, como a que nós vivemos, num lugar como este? Um lugar que vence a coisa mais insidiosa da nossa cultura, que é a desconfiança, da qual é difícil curar-se porque se insinua nas entranhas do eu. Que uma garota se levante de manhã com essa confiança, visível no interesse que tem pelas coisas que no ano passado nem considerava, demonstra como o Mistério continua sendo presente e como a celebração da Páscoa não é um conto de fadas. «Ele está aqui, como no primeiro dia», para usar as palavras de Péguy, com uma pertinência e uma carnalidade histórica capazes de provocar um interesse novo pela vida, de redespertar o eu, como aconteceu com o amigo do qual falou a colocação seguinte. Na maneira de estar com seus velhos

amigos, ele percebeu um zumbido, deu-se conta de algo que outras vezes tinha passado despercebido. Vivendo imerso na comunidade cristã, com os limites de todos, tropeçando como todos, com suas tentativas irônicas, algo mudou na profundidade do seu eu, de modo que a certa altura disse aos velhos amigos: «Não aguento mais viver no nada».

Então começamos a nos dar conta de que a mudança diz respeito à coisa mais importante que existe: a nossa pessoa. A nossa traição e os nossos erros levam-nos a não nos amarmos, a uma falta de estima por nós mesmos. Mas ver o que acontece nos outros, no lugar que o Mistério me deu para a minha construção, faz com que eu vá dormir mudado: não desesperado, mas tranquilo. Assim a pessoa começa a participar da vida nova de que a liturgia fala nestes dias do tempo Pascal. É uma vida nova, não uma coisa virtual; é uma vida nova, real e nova, de tamanha superabundância, de uma riqueza tão transbordante, que permite ao nosso amigo levantar o olhar e enfrentar os desafios que tinha à frente – as eleições às quais estava se dedicando fazia tempo – com todo o desejo de que era capaz, quase como se fosse uma oração («Fazer o que eu tinha que fazer foi como uma grande oração»).

É assim que o Mistério corrige a nossa tentativa, como ilustrou outra colocação. Mas a tentativa é suficiente? Sim, a tentativa é suficiente; fique disponível, Ele pensa no resto. Mesmo que você reduza tudo a uma questão de estrutura, há sempre alguém que te muda, com o entusiasmo de viver, com a graça que Deus dá a ele ou a outros amigos. Assim você se dá conta de que tudo se joga não na estrutura, mas no eu, na nossa disponibilidade a nos deixarmos impressionar por um outro. Nós dissemos: a mudança está no reconhecimento de Alguém em ação no meio de nós. É como se começássemos a dar carne às palavras que escutamos nos Exercícios de dezembro. Se começamos assim, imaginem o que nos espera no resto do caminho.

As eleições são uma ocasião, como vimos. E não primeiramente por causa do resultado que vocês vão obter. Podem ser também desse ponto de vista, porque se alguém encontra pessoas que fazem campanha eleitoral como vocês e volta para casa à noite feliz, em vez de desesperado, vocês acham que isso não vai incidir no voto? De fato, só consegue mudar de verdade o jeito de pensar de uma pessoa o que chega a tocar o centro do seu eu. Eis por que eu disse que temos que descobrir também a dimensão política do que vivemos. Senão acabaremos reduzindo a política a uma questão partidária. E se isso não interessa a vocês, imaginem aos outros! Descobrir a dimensão política do que vivemos faz parte da mudança que precisa ocorrer no modo de conceber a política, porque o que por graça nos é dado e tentamos viver é o bem que todos estão esperando, a partir de cada um de nós: todos nós estamos esperando que esse bem aconteça ou reaconteça na nossa vida. É um bem que todos desejamos. É um «bem comum», porque é o que todos esperam.